

ÍNDIOS

Festa de graduação dos jovens xavantes

Danças de rara beleza que podem se tornar aventura turística, ecologicamente correta, e faturar mais do que a venda de mogno

No mês de maio último, o fotógrafo Rui Faquini esteve na Aldeia de São Marcos, em Mato Grosso, e assistiu à festa de "furação de orelha" dos jovens xavantes. Rui Faquini deixa para os leitores da *Folha do Meio* suas impressões. Em fotos e texto.

Quando eu era menino — por ocasião dos primeiros contatos — meu pai me chamava de Xavante. Queria dizer: forte, bonito, indômito...

Cresci com essa imagem impressa de forma clara. Sem nunca ter visto um Xavante, não podia aquilatar nada. Contudo, sentia saudade do dia — que fatalmente chegaria — de estar com eles na tribo tão falada.

Partimos rumo a São Marcos. Meu anfitrião, o cacique Tibúrcio — Dzaridzé Abhõödi — meu filho Tiago, de 14 anos, e seu colega Bruno da mesma idade. O carro abarrotado de apetrechos, equipamentos e mantimentos, parecia estar preparado para uma expedição de meses.

A estrada aos poucos deixa de ser asfaltada e penetra nas nesgas de sertão que se avolumam e, à medida que avançamos, crescem os ares de aventura. Nas chapadas e vales grandes marcos geológicos instigam a imaginação e nos lembram pontos de orientação de bandeirantes.

Nosso propósito era um simples pernoite de sábado para domingo, a fim de assistir ao Datsi-Wate (furação de orelha), ritual da iniciação dos meninos xavantes, uma graduação como qualquer outra quando o jovem recebe a borduna — como o cadete recebe o espadim — de um "padrinho instrutor", o que vale como verdadeiro diploma de guerreiro xavante.

Aí vê-se a magia de um festival completo, onde todos participam ativamente e no qual tudo tem significado. No dia que antecede a festa, que pode durar meses, os jovens têm de dançar e cantar de cabeça baixa, sem olhar para os lados, durante doze horas — de sol a sol — acompanhados pelos padrinhos instrutores e eventualmente crianças, mulheres, velhos etc. Encenam ainda dois acontecimentos noturnos, sendo o último, o canto dos jovens à meia-noite.

Os cânticos, ou Dainho-Re, são



Ao amanhecer do segundo dia os padrinhos aguardam os jovens xavantes para a cerimônia de entrega das bordunas

como um mantra que permeiam todo o corpo — e não somente os ouvidos — à batida surda dos calcanhares contra o solo e faz tremer a terra como se ela tivesse coração.

Aqui e agora, o encontro com o passado remoto transforma-se num entroncamento atemporal onde calções vermelhos interrompem o luzidio dos lombos e horizontalizam o homem. São como o travessão da cruz.

Esse povo milenar sobrevive aos tempos e se mantém em forma como nação organizada. Poderia servir de exemplo — enquanto civilização autóctone — à nossa sociedade. Permanece semi-isolada e, se não sucumbe à miséria, é por mérito de uma cultura altamente sofisticada que permite resistir ao pernicioso processo resultante do mau uso do sistema tutelar, que tem servido, basicamente, de anteparo a qualquer forma de integração do índio e protelado sua autonomia econômica. Quando se fala em problemas de impacto

está se escamoteando a verdade ou, no mínimo, sendo-se cínico. Sabemos todos muito bem o que perpetrar as missões religiosas, os garimpeiros, fazendeiros, madeireiros, caciques corruptos e os ecoturistas de ocasião, convidados de autoridades, ou mesmo aqueles simples mortais que dizem, subornam chefes para fruírem desse "eden" como verdadeiros privilegiados.

Não há que se tapar o sol com a peneira tentando evitar um impacto que já houve. Há sim que se gerenciar esses impactos, cada vez mais rápidos e devastadores, à medida que o mundo se globaliza, administrando-os em favor desses povos. Nunca contra. Globalização só é válida com a participação e o bem estar de todos.

É preciso lembrar urgentemente que os tempos estão mudando com tal rapidez, que já se deve questionar com coragem as práticas antropológicas da era dos irmãos Villas Boas, Darcy Ribeiro, Antonio Callado e outros. Em ecologia, como na física, a toda ação corresponde

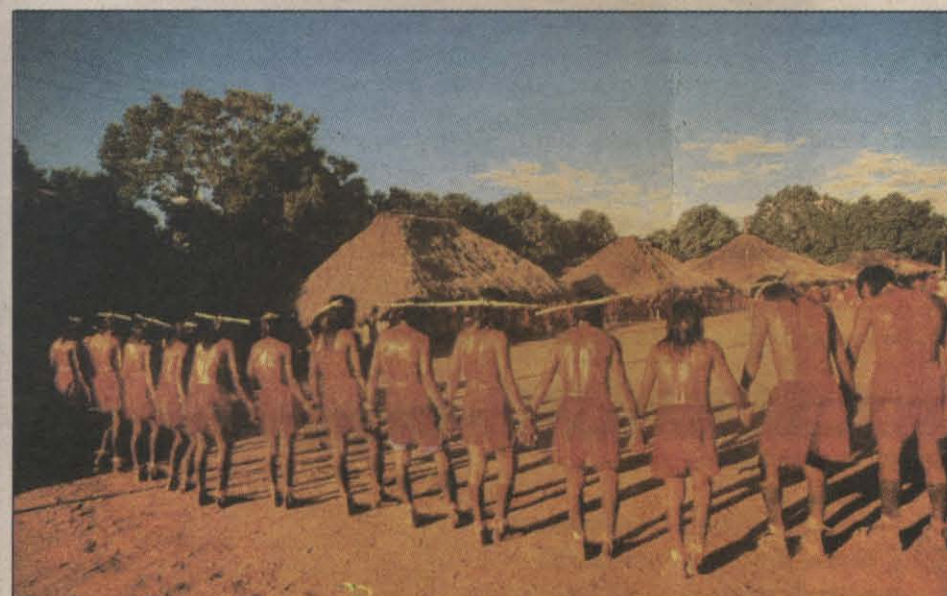
uma reação "quase" igual e contrária. Por isso, um pensamento preservacionista nos dias de hoje, é pernicioso, porque tardio. O mesmo também ocorre em relação ao purismo antropológico: não se justifica mais.

Há de se administrar tudo isso com mentalidade e métodos novos, sob pena dessa vir a ser mais uma estória de desperdício das riquezas brasileiras.

Imaginemos pacotes organizados e vendidos no mundo todo, em proveito das próprias comunidades envolvidas, a turistas ricos, ecologicamente corretos e ávidos por essa ventura. Quanto poderia render um Kuarup? Certamente mais do que todo o mogno abatido e contrabandeado de muitas tribos. Deixemos o cinismo de lado para acudir nossas comunidades indígenas dando-lhes assessoramento adequado ao invés das migalhas da esmola oficial e os falsos afagos da nossa ancestral culpa (Rui Faquini).



Guerreiros de várias aldeias dançam e cantam, acompanhando os meninos...



... que durante 12 horas seguidas, de cabeça baixa, em sinal de humildade...



... também dançam, sendo até acompanhados por visitantes que queiram participar

SUMMARY

When I was a young boy—on the occasion of their first contacts—my father called me a Xavante. Meaning: strong, handsome, indomitable... I grew up with this image firmly implanted in my mind. Without ever having seen a Xavante, I could never fully appreciate this image. Nevertheless, I longed for the day—which inevitably arrived—when I would be with them in this renowned tribe. May 9, 1997, 2:00 PM. We set out in the direction of São Marcos with my host, the Tibúrcio chief, Dzaridzé Abhõödi, my 14 year-old son Tiago, and his friend Bruno of the same age. The car, overloaded with supplies, equipment, and provisions, seemed ready for an expedition of several months. Little by little the pavement disappeared as the roads penetrated deeper into the expanding wilderness, with its air of adventure growing the further we advanced. Along the ridges and valleys great geological sights stimulated our imaginations and reminded us of landmarks used by the first pioneers. Our goal was a simple weekend overnight in order to witness the Datsi-Wate, the initiation rite of Xavante boys, a graduation ceremony like any other, when the youth receives his "borduna" or battle club from his "patron instructor"—as a cadet would receive his rapier—the equivalent of a true diploma for a Xavante warrior. There we will see all the magic of a full festival, where all participate actively and in which every detail is full of meaning. On the day preceding the festival, which itself may last months, the youths must dance and sing with bowed heads, not looking to either side, for twelve hours, from sunup to sundown, accompanied by their patron instructors and, eventually, by the women, children, and elders as well. Two more nighttime events remain to be enacted, the last being the midnight song of the youth. The chants, or Dainho-Re, act like a mantra that permeates not only the ears but the whole body, down to the voiceless beating of the heels against the soil making the earth tremble like the beating of its own heart. Here and now, this encounter with a remote past transforms itself into a timeless junction where red breeches interrupt gleaming loins, drawing them together in an even, horizontal line. They seem like the beam of the cross. This millennial people has survived through ages, maintaining their form as an organized nation. This indigenous civilization even so could serve as an

example for our society. Having remained semi-isolated, it has not succumbed to misery, thanks to a highly sophisticated culture that has allowed them to resist the pernicious process resulting from the abuse of the system of guardianship, which has served basically to build a protective barrier against any form of integration of the Indian and to prolong their economic autonomy. When we speak of the problems of cultural impact, we are masquerading the truth, or at best, being cynical. We all know very well what has been perpetrated by religious missions, miners, ranchers, woodcutters, corrupt chiefs, and opportunistic ecotourists, invited by the authorities, or just those simple mortals who, they say, bribe chiefs in order to acquire the privilege of exploiting this "Eden". There is no more point in trying to hide the sun with a sieve than in trying to avoid an impact which has already happened. What can be done is to manage these impacts, arriving at an ever quickening and devastating pace in step with the world's globalization, in order to administer them in favor of these people and not against them. How is any globalization possible without the participation and well-being of all? We urgently must remember that times are changing so quickly that already questions must courageously be raised concerning the anthropological practices of the era of the Villas Boas brothers, Darcy Ribeiro, Antonio Callado and others. In ecology, as in physics, every action corresponds to an "almost" equal and opposite reaction. Thus, a preservationist notion nowadays is pernicious because it is too late. The same holds true in relation to anthropological purism: it is no longer justified. This must be handled with new methods and new ways of thinking, lest this become yet another story of the waste of Brazilian riches. We can imagine organized packaged tours sold world-wide, for the benefit of the same communities involved, to rich tourists who are ecologically conscientious and eager for this kind of venture. How much could one Kuarup bring in? Certainly much more than all the mahogany slashed and smuggled out from many tribes. Let us set cynicism aside in order to aid our indigenous communities, giving them adequate assistance instead of the crumbs of official charity and the phony stroking of our ancestral guilt.